

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS

DEPARTAMENTO DE TURISMO

DELANDIR ANTONIO TAUFER FOCHI

**TURISMO DE AVENTURA: A SUPERAÇÃO DE LIMITES POR PARTE DE
CADEIRANTES POR MEIO DA ATIVIDADE DE AVENTURA**

PONTA GROSSA

2013

DELANDIR ANTONIO TAUFER FOCHI

**TURISMO DE AVENTURA: A SUPERAÇÃO DE LIMITES POR PARTE DE
CADEIRANTES POR MEIO DA ATIVIDADE DE AVENTURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
para a obtenção do título de Bacharel em
Turismo na Universidade Estadual de Ponta
Grossa, Setor De Ciências Sociais e Aplicadas.

Orientador: Prof. Me. Ana Claudia Folmann

PONTA GROSSA

2013

Dedico aos meus avós paternos, Arlindo (*in memoriam*) e Inês Fochi e aos meus avós maternos, Pacifico e Ernesta Taufer (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

À Deus por me amparar nos momentos difíceis, me dar força para superar as dificuldades, mostrar os caminho nas horas incertas e me suprir em todas as minhas necessidades.

À minha família, que mesmo a distancia sempre esteve do meu lado, apoiando nos momentos mais difíceis e me dando todo suporte para chegar ate aqui.

À profa. Me. Ana Claudia Folmann, minha orientadora, por todo apoio, paciência, por sua contribuição com seus conhecimentos e amizade durante todo esse ano na realização deste trabalho.

Aos professores do Departamento de Turismo, pela amizade, apoio e força durante todos esses anos.

Aos melhores colegas de curso Alexandre, Camila Xavier, Camilla Moro, Fernanda Uliana e Paulo Afonso que sempre estiveram do meu lado, contribuindo muito para este momento.

Aos demais amigos do curso de Turismo, pela amizade construída neste caminho.

Aos amigos de Ponta Grossa – PR que durante estes 4 anos tive o prazer de conviver, aos amigos de condomínio sempre dispostos a ajudar nas dificuldades.

Aos amigos que deixei em Getúlio Vargas-RS, mas que mesmo com toda a distancia sempre estiveram por perto ajudando e dando força necessária.

A todos cadeirantes de Ponta Grossa – PR e Socorro – SP que se disponibilizaram e que de forma gentil responderam os questionários.

A todos meu muito obrigado.

“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível.”

(Charles Chaplin)

DELANDIR ANTONI TAUFER FOCHI

**TURISMO DE AVENTURA: A SUPERAÇÃO DE LIMITES POR PARTE DE
CADEIRANTES POR MEIO DA ATIVIDADE DE AVENTURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de
Bacharelado em Turismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Ponta Grossa, 08 de Dezembro de 2013

Profa. Me. Ana Claudia Folmann – Orientadora
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profa. Dra. Jasmine Cardozo Moreira
Doutora em Geografia
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Rúbia Gisele Tramontin Mascarenhas
Doutora em Geografia
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

Os esportes de aventura permitem uma interação entre homem e meio ambiente. Na modernidade, um grande número de pessoas com capacidades físicas limitadas buscam nos esportes de aventura a superação de suas deficiências, mostrando que são capazes de como qualquer outra pessoa realizar qualquer atividade e de modificar esses esportes, conceituados como radicais, aproximando ao máximo as atividades desses seres humanos com aqueles que não possuem deficiências. O trabalho tem como objetivo coletar informações com cadeirantes para saber qual a motivação para escolha da atividade, analisando a regulamentação para esta prática de turismo e verificar a existência ou não de uma demanda na cidade de Ponta Grossa. A metodologia utilizada foi a pesquisa *in loco*, a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica dentro das cidades de Ponta Grossa e Socorro – SP. Os resultados alcançados mostram que dentro da cidade de Ponta Grossa existe uma demanda para a prática deste, faltando porém, um local que disponibilize adequação para a realização das atividades.

Palavras-chave: turismo de aventura, cadeirantes, inclusão social

ABSTRACT

Adventure sports allow an interaction between man and environment . In modern times , a large number of people with limited physical abilities seek adventure sports in overcoming their disabilities , showing that they are capable of any other person performing any activity and modify these sports, conceptualized as radicals , approaching the maximum activities these humans with those who do not have disabilities . The study aims to collect information with Chair to find out the motivation for choice of activity , analyzing rules for this practice of tourism and verify whether there is a demand in the city of Ponta Grossa . The research methodology was in place , the desk research and literature within the cities of Ponta Grossa and Relief - SP . The results show that within the city of Ponta Grossa there is a demand for this practice , however missing , a place that provides suitability for carrying out this activity .

Keywords : adventure travel , wheelchair , social inclusion

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Atividades de aventura para deficientes..... | 14 |
| Figura 2 – Modelo de capacete usado para atividades de aventura..... | 16 |
| Figura 3 – Modelo de cadeirinha utilizada no turismo de aventura..... | 16 |
| Figura 4 – Modelo de mosquetões de aço..... | 17 |
| Figura 5 – Modelo de cordas..... | 17 |
| Figura 6 – Modelo de freio 8 utilizado..... | 18 |
| Figura 7 – Modelo de fitas solteiras..... | 18 |
| Figura 8 – Cadeirante se preparando para realizar tirolesa..... | 27 |
| Figura 9 – Cadeirante se preparando para realizar rafting..... | 28 |
| Figura 10 – Modelo de colete adaptado..... | 28 |
| Figura 11 – Cadeirante realizando tirolesa no Campo dos Sonhos em Socorro – SP..... | 29 |
| Figura 12 - Localização do município de Socorro – SP..... | 30 |
| Figura 13 – Esquema do Parque Campo dos Sonhos para representar área do parque e infraestrutura..... | 31 |
| Figura 14 – A superação dos medos é uma das motivações dos cadeirantes para o turismo de aventura..... | 33 |
| Figura 15 - Exemplos de uso de equipamentos na atividade de Tirolesa..... | 37 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 – Atividades de aventura realizadas pelo ar..... | 12 |
| Tabela 2 – Atividades de aventura realizadas pela água..... | 12 |
| Tabela 3 – Atividades de aventura realizadas por terra..... | 13 |
| Tabela 4 – Normas do turismo de aventura..... | 23 |
| Tabela 5 – Normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas)..... | 24 |

LISTA DE APÊNDICES

| | |
|---|----|
| Apêndice 1 – Pesquisa aplicada para portadores de deficiência em Socorro – SP..... | 48 |
| Apêndice 2 – Pesquisa aplicada para portadores de deficiência em Ponta Grossa – PR..... | 49 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1.) INTRODUÇÃO | 7 |
| 2.) TURISMO DE AVENTURA | 9 |
| 2.1- SEGURANÇA..... | 10 |
| 2.2- PRINCIPAIS ATIVIDADES..... | 11 |
| 2.3- ABETA (Associação Brasileira de Empresas de Turismo de Aventura)..... | 14 |
| 2.4- EQUIPAMENTOS DE SEGURANÇA..... | 15 |
| 3.) ACESSIBILIDADE E NORMAS TECNICAS | 20 |
| 3.1- ACESSIBILIDADE NAS CIDADAES..... | 20 |
| 3.1.1- Normas do Turismo de Aventura..... | 22 |
| 3.1.2- Normas de Acessibilidade..... | 24 |
| 4.) TURISMO DE AVENTURA PARA CADEIRANTES | 26 |
| 4.1- SURGIMENTO DA PRATICA..... | 26 |
| 4.2- INFRAESTRUTURA..... | 29 |
| 4.3 – PESQUISAS E ANALISES DE RESULTADOS..... | 31 |
| 4.3.1- Pesquisas realizadas na cidade de Socorro..... | 31 |
| 4.3.2- Pesquisas realizadas na cidade de Ponta Grossa..... | 38 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 44 |
| REFERENCIAS..... | 46 |
| APÊNDICES..... | 48 |

1. INTRODUÇÃO

Quando se pensa em pessoas com deficiência, pode vir à cabeça alguém incapaz de realizar determinadas tarefas, até mesmo as do dia-a-dia. Porém para algumas delas, a busca da superação dos próprios limites está no esporte, onde buscam força. E o turismo de aventura está ligado nesse aspecto como uma forma superação, de mostrar que são capazes de fazer qualquer atividade.

O presente trabalho tem como objetivo realizar um estudo sobre o turismo de aventura para cadeirantes, com pesquisas feitas na cidade de Socorro, mostrando o que os cadeirantes buscam nesta pratica, qual a motivação que eles mostram para esta busca e quais esportes os mesmos praticam. Entre outras indagações, busca descobrir também através da pesquisa realizada na cidade de Ponta Grossa se existe público para realizar a atividade de aventura, qual a atividade preferida, que tipos de melhorias podem ser feitas para a sua inclusão na pratica do turismo de aventura.

No primeiro capítulo, buscou-se mostrar como surgiu o turismo de aventura no mundo e no Brasil, esportes de aventura existentes, sobre segurança, equipamentos necessários e sobre a ABETA (Associação Brasileira de Empresas de Turismo de Aventura).

No capítulo seguinte, (capítulo 2) discorre-se sobre a acessibilidade nas cidades e a importância desta para o desenvolvimento do turismo, principalmente para este público e as normas técnicas para que seja possível a realização do turismo de aventura para cadeirantes. O caminho para se atingir a inclusão no Turismo exige que primeiramente se tenha consciência das dificuldades existentes. São estas dificuldades, que quando analisadas sob o olhar da inclusão são classificadas como “barreiras”, que podem ser arquitetônicas, comunicacionais, instrumentais e programáticas.

Por fim, o terceiro capítulo mostra o turismo de aventura para cadeirantes, como surgiu esta atividade, as normas específicas para este público, e as pesquisas e resultados destas, realizadas nas cidades de Ponta Grossa e de Socorro – SP.

A fundamentação do trabalho se deu na investigação teórica sobre os temas abordados nos capítulos, os quais forneceram base para o seu entendimento. Outras fontes de pesquisa utilizadas foram entrevistas com cadeirantes na cidade de Ponta Grossa e Socorro - SP, pesquisas bibliográficas, além da internet.

2. TURISMO DE AVENTURA

A busca pelo novo, pelo inédito, vencer limitações ou pelo simples prazer de se aventurar em locais como em cachoeiras, topos de arvores entre outros lugares, fazem com que as pessoas, independente das condições físicas/motoras, busquem na atividade de aventura uma forma de sair da rotina das cidades, indo em busca de aventura. Inicialmente o turismo de aventura era entendido como uma pratica de ecoturismo, mas com o crescimento da atividade, com novas possibilidades abriu-se um leque para a mudança de segmentação. De acordo com as Orientações Básicas do Ministério do Turismo (2010, pag.13) “nos anos de 80 houve as primeiras discussões do tema, tendências, possibilidades de crescimento do setor e a necessidade da criação de normas para regulamentar as atividades, porem no final dos anos de 90, é que os primeiros equipamentos de segurança começam a ser produzidos no Brasil, como capacetes, cordas entre outros.”

Segundo Swarbroke (2003, pag.7):

“termo aventura é evocativo para muitas pessoas, pois quando se ouve esta palavra, nossa mente é inundada por diversas imagens e associações, também que, características ou qualidades fundamentais da aventura são: resultados incertos, perigo e risco, desafio, expectativa e recompensa, novidade, estímulo e, por ultimo, exploração e descoberta”.

O praticante quer mostrar que pode superar seus medos, suas limitações e busca muitas vezes na aventura essa motivação, que pelo menos naqueles momentos, pode ser “livre”. Conforme a norma ABNT NBR 15500 – Turismo de Aventura - Terminologia, define-se atividades de Turismo de Aventura como: “Atividades oferecidas comercialmente, usualmente adaptadas das atividades de aventura, que tenham ao mesmo tempo o caráter recreativo e envolvam riscos avaliados, controlados e assumidos”.

Por se tratar de riscos todas as atividades devem ter apoio de pessoas qualificadas e experientes, equipamentos revisados e trocados sempre que haja necessidade, pois o turista, mesmo aqueles que já têm certa familiaridade com a prática ou mesmo aqueles que estão indo pela primeira vez, todos prezam pela segurança em primeiro lugar. Outra questão são os impactos

ambientais negativos. Diante disso, existe a necessidade de promover uma normalização estabelecendo parâmetros e possibilitando a organização da atividade, visando estimular o desenvolvimento e promovendo a busca da qualidade no turismo de aventura. Também vale salientar, a importância de verificar se a empresa prestadora do serviço é confiável, respeitando todas as normas da ABETA (Associação Brasileira das Empresas de Turismo de Aventura).

Buscando-se um melhor entendimento e abrangência do turismo de aventura, é fundamental a compreensão do significado de atividade de aventura, que implica engajamento do turista em diversas situações e experiências. O risco é intrínseco a sua prática, merecendo esclarecimento e abordagem, assim é necessário ressaltar a característica recreativa da experiência, que destaca a superação de limites pessoais e não a competição.

O local de prática também é elemento importante na composição do segmento, podendo ser praticado em ambientes naturais ou urbanos, onde estas atividades podem ser realizadas tanto ao ar livre, como em ambientes internos, ressaltando o respeito ao ambiente natural, econômico e sociocultural da localidade onde as atividades ocorrem, evitando possíveis impactos negativos. Outro ponto a ser destacado e que a atividade de aventura traz, é a motivação do turista e a relação com o desejo por emoções fortes que permitam a fuga da rotina.

2.1 - SEGURANÇA

Por se tratar de uma atividade que envolve riscos, existe uma crescente preocupação com a ocorrência de acidentes na prática do turismo de aventura, além da perda de vidas ou sequelas deixadas nas pessoas, a ausência de ações de prevenção a acidentes prejudica a atividade no que se refere ao potencial de crescimento, que está em forte crescimento no Brasil e no mundo todo, com taxas superiores a dos demais segmentos do turismo. O tema é complexo e envolve diversas atividades, riscos e incidência de perigos bastante

diferentes. É importante tomar conhecimento dos conceitos de riscos, perigos e acidentes como vêm sendo considerados no contexto da segurança.

Segundo Martinez (2009), perigo é a fonte ou situação com potencial para provocar danos em termos de lesão, doença, dano a propriedade, dano ao meio ambiente, ao local de trabalho. Risco são as combinações da probabilidade de ocorrência das consequências de um determinado evento perigoso. Acidente um evento não planejado que resulta em morte, doença, lesão, dano ou outra perda.

Segundo Uvinha (2005)

“a diferenciação de perigo e risco é importante para a discussão do turismo de aventura, porque nem sempre naquelas atividades em que aparentemente há mais perigos se concentra a maior incidência de acidentes. Isso se dá porque os riscos são minimizados, por conta da utilização de diversos instrumentos e ferramentas, como a adoção de procedimentos de prevenção, regulamentação, etc.”

A segurança no turismo de aventura envolve pessoas, equipamentos, procedimentos e as próprias empresas prestadoras dos serviços, porém, o grau de influência de cada um desses fatores, varia de atividade para atividade. Muito importante neste caso a verificação, melhoria e troca dos equipamentos de segurança, pois estes são indispensáveis para quem busca esportes de aventura.

Sabe-se que como qualquer outro material, os utilizados nos parques de aventura tem uma data de validade e que estes com o tempo desgastam-se havendo assim a necessidade de troca, outro ponto é o treinamento da equipe para estas ocasiões, caso haja algum acidente os mesmos possam estar preparados para atendimento de possíveis vítimas.

2.2 – PRINCIPAIS ATIVIDADES

Como há uma grande diversidade de atividades dentro do turismo de aventura optou-se em agrupar as mais conhecidas do mercado utilizando os elementos da natureza (Ar, Terra e Água), sendo que algumas podem envolver mais de um desses elementos ao mesmo tempo e podendo ocorrer em ambientes diversos, fechados, ao ar livre, em espaços naturais ou construídos.

QUADRO 1 – Atividades de Turismo de Aventura realizadas pelo ar

| Atividade | Descrição | São realizadas por cadeirantes |
|------------------------------------|--|--------------------------------|
| Balonismo | Atividade aérea feita em um balão de material anti-inflamável aquecido com chamas de gás propano, que depende de um piloto. | |
| Paraquedismo | Salto em queda livre com o uso de paraquedas aberto para aterrissagem, normalmente a partir de um avião. Como atividade de Turismo de Aventura, é caracterizado pelo salto duplo. | |
| Voo Livre (Asa Delta ou Parapente) | Atividade com uso de uma estrutura rígida que é manobrada com o deslocamento do peso do corpo do piloto ou por superfícies aerodinâmicas móveis (asa delta), ou até por ausência de estrutura rígida como cabos e outros dispositivos (parapente). | |

FONTE: Brasil. Ministério do Turismo.2003.

QUADRO 2 – Atividades de Turismo de Aventura realizadas pela água

| Atividade | Descrição | São realizadas por cadeirantes |
|-----------------------------|---|--------------------------------|
| Bóia-cross | Atividade praticada em um mini bote inflável, onde a pessoa se posiciona de bruços para descer o rio, com a cabeça na extremidade frontal da boia e os pés na parte final, já praticamente na água. Também conhecida como acqua-ride. | X |
| Canoagem | Atividade praticada em canoas e caiaques, indistintamente, em mar, rios, lagos, águas calmas ou agitadas. | X |
| Duck | Descida de rios com corredeiras utilizando botes infláveis e remos, com capacidade para até duas pessoas. | |
| Flutuação / Snorkeling | Atividade de flutuação em ambientes aquáticos, com o uso de máscara e snorkel, em que o praticante tem contato direto com a natureza, observando rochas, animais e plantas aquáticas. Usualmente utilizam-se coletes salva-vidas. | |
| Kitesurfe | Atividade que utiliza uma prancha fixada aos pés e uma pipa de tração com estrutura inflável, possibilitando deslizar sobre a superfície da água e, ao mesmo tempo, alçar vôos executados sobre superfícies aquáticas, com ventos fracos ou fortes. | |
| Mergulho autônomo Turístico | Produto turístico em que a atividade principal é o mergulho autônomo e o praticante não é necessariamente um mergulhador qualificado. | |
| Rafting | Descida de rios com corredeiras utilizando botes infláveis. | X |
| Windsurfe | Atividade praticada em ambientes aquáticos, também denominada prancha a vela, que se serve, basicamente, de técnicas do surfe e da vela. | |

FONTE: Brasil. Ministério do Turismo.2003.

QUADRO 3 - Atividades de Turismo de Aventura realizadas pela Terra

| Atividade | Descrição | São realizadas por cadeirantes |
|---|--|--------------------------------|
| Arvorismo | Locomoção por percurso em altura instalado em árvores ou em outras estruturas. | |
| Bungeejump | Atividade em que uma pessoa se desloca em queda livre, limitada pelo amortecimento mediante a conexão a um elástico. O elástico é desenvolvido especificamente para a atividade. | |
| Cachoeirismo | Descida em quedas d'água, seguindo ou não o curso d'água, utilizando técnicas verticais. | |
| Canionismo | Descida em cursos d'água, usualmente em cânions, sem embarcação, com transposição de obstáculos aquáticos ou verticais. O curso d'água pode ser intermitente. | |
| Caminhada | Percurso a pé em itinerário predefinido. | |
| Caminhada (sem pernoite) | Caminhada de um dia. Também conhecida por hiking. | |
| Caminhada de longo Curso | Caminhada em ambientes naturais, que envolve pernoite. O pernoite pode ser realizado em locais diversos, como acampamentos, pousadas, fazendas, bivaques, entre outros. Também conhecida por trekking. | |
| Cavalgadas | Percurso em vias convencionais e não convencionais em montaria, também tratadas de Turismo Equestre. | X |
| Cicloturismo | Atividade de turismo que tem como elemento principal a realização de percursos com o uso de bicicleta, que pode envolver pernoite. | |
| Espeleoturismo | Atividades desenvolvidas em cavernas, oferecidas comercialmente, em caráter recreativo e de finalidade turística. | |
| Espeleoturismovertical | Espeleoturismo de Aventura que utiliza técnicas verticais. | |
| Escalada | Ascensão de montanhas, paredes ou blocos rochosos, com aplicação de técnicas e utilização de equipamentos específicos. | |
| Montanhismo | Atividade de caminhada ou escalada praticada em ambiente de montanha. | |
| Turismo fora-de-estrada em veículos 4x4 ou bugues | Atividade de turismo que tem como elemento principal a realização de percursos em vias não convencionais com veículos automotores. O percurso pode incluir trechos em vias convencionais. | X |
| Tirolesa | Produto que a atividade principal é o deslizamento do cliente em uma linha aérea ligando dois pontos afastados na horizontal ou em desnível, utilizando procedimentos e equipamentos específicos. | X |

FONTE: Brasil. Ministério do Turismo. 2003.

Como se sabe, não são todas as atividades de aventura que cadeirantes podem realizar, a seguir o quadro mostra quais atividades para cada tipo de lesão é mais propício fazer.

Atividades de aventura para deficientes ou pessoas com mobilidade reduzida

| | ACQUA-RIDE | ARVORISMO | BOIA-CROSS | CANOAGEM | CAVALGADA | CAMINHA DE CURTA DURAÇÃO | ESCALADA | PASSEIO DE CHARRIETE | PÊNDULO | QUADRICICLO | RAFTING | PAPEL | TIOLESA | TOMBOMÁGUA | FORA DE ESTRADA |
|---------------|------------|-----------|------------|----------|-----------|--------------------------|----------|----------------------|---------|-------------|---------|-------|---------|------------|-----------------|
| PARAPLÉGICO | ● | ● | ■ | ■ | ● | ▲ | ● | ▲ | ● | ▲ | ▲ | ▲ | ▲ | ● | ▲ |
| TETRAPLÉGICO | ● | ● | ● | ● | ● | ▲ | ● | ▲ | ● | ● | ▲ | ▲ | ▲ | ● | ▲ |
| DEF. VISUAL | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ |
| DEF. AUDITIVO | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ |
| DEF. MENTAL | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ | ■ |
| DEF. MÚLTIPLO | ■ | ■ | ■ | ■ | ▲ | ■ | ● | ■ | ■ | ■ | ▲ | ■ | ■ | ■ | ■ |

■ Atividade pode ser praticada normalmente, com adaptação mínima e monitores.
▲ Atividade pode ser praticada, mas requer uso de equipamentos adaptados.
● Atividade não apresenta condições de ser praticada com segurança para esse tipo de deficiência.

Figura 1 – Atividades de aventura para deficientes. Fonte: turismoadaptado.wordpress.com

A imagem mostra que para cadeirantes, ou seja, aqueles que estão paraplégicos ou tetraplégicos, as atividades de Tirolesa, Rafting são classificadas como praticáveis, mas que requerem uso de equipamentos adaptados, já vistos anteriormente, estes esportes são ofertados dentro do Campo dos Sonhos na cidade de Socorro.

2.3- ABETA

Fundada em 2004 a ABETA (Associação Brasileira das Empresas de Turismo de Aventura), proporciona aos associados a defesa de seus interesses perante o mercado, nos poderes privados e públicos. Busca o fortalecimento destas no mercado mundial, tornando-as referências na questão de qualidade de serviços prestados. Tem como valores a transparência, profissionalismo, competência, conhecimento, segurança, otimismo e sustentabilidade, contando com mais de 180 empresas associadas. A ABETA trabalha junto com governo, mercado e sociedade para defender os interesses dos proprietários de estabelecimentos que se enquadram no perfil da mesma, também realiza qualificações direcionadas às necessidades dos associados, é uma rede de relacionamentos, onde se pode estar conectado a todas as outras empresas

que agrupam esta associação, outra vantagem são os descontos e promoções com parceiros da ABETA.

As empresas que podem ser sócias da ABETA são: Agência de viagem, operadora de turismo emissiva, operadora de turismo receptivo, operadora de turismo de atividade especializada, atrativo turístico meio de hospedagem, empresa de consultoria, empresa de eventos, escolas de atividades ao ar livre.

2.4 – EQUIPAMENTOS DE SEGURANÇA

O turismo de aventura supõe risco, mas isso não é sinônimo de "insegurança", os equipamentos devem ser fornecidos para o consumidor em perfeito estado de conservação. Além disso, os monitores ou instrutores devem ser qualificados para a função conhecendo todos os aspectos que envolvem o esporte escolhido. Dependendo da atividade a ser escolhida pode-se utilizar mais de um equipamento, segundo as normas de segurança do Trabalho do Ministério do Trabalho equipamento de segurança é "todo dispositivo de uso individual, de fabricação nacional ou estrangeira, destinado a proteger à saúde e a integridade física do trabalhador." É necessária uma fiscalização por parte dos órgãos competentes dentro das empresas para que estas cumpram toda legislação pertinente à segurança, para que empresas que não estejam capacitadas a realizar o serviço, não estejam no mercado, assim evitando que o consumidor não se sinta enganado, levando a diminuição de acidentes que ocorrem nesta atividade. O turista, além da diversão e da aventura, preza principalmente pela sua segurança.

São utilizados diversos equipamentos de segurança para cada tipo de atividade, sempre estando atento a cada detalhe, como a colocação, fixação entre outros, para que não ocorra acidente.

De acordo com as Instruções Básicas do Ministério do Turismo (2008, pag. 34) ressalta que:

“A prática responsável e segura das atividades de aventura exige, além dos procedimentos corretos, o uso de equipamentos em conformidade com normas nacionais e internacionais, com especificações técnicas claras e informações sobre origem, fabricação e validade. Faz-se necessário haver na operação de campo alguns equipamentos básicos, tais como: recursos de comunicação, recursos de orientação (mapa e bússolas), material de primeiros socorros, recipiente para água e instrumentos para atividades específicas. Também devem ser fornecidos em quantidade suficiente para o grupo, em estado de conservação adequado e que atendam aos requisitos técnicos e de segurança para cada atividade. O uso de equipamentos incide nos custos da operação, ressaltando, no entanto, que a economia de recursos não pode se refletir na segurança e qualidade dos produtos.”

Existem materiais de amarração ou ancoragem da corda de descida, como os mosquetões, as fitas tubulares e as ancoragens. Para o uso individual tem-se, mosquetão, freio e capacete.

- Capacete: indispensável em qualquer atividade radical, protege de vários perigos, desde deslizamentos de pedras a quedas acidentais.



Figura 2 - Capacete. Fonte: www.lojaacampar.com.br

- Cadeirinha ou *Baudriens*: é uma espécie de cinta que envolve as pernas e os quadris dando um aspecto de uma cadeirinha.



Figura 3 – cadeirinha ou *baudriens*. Fonte: equilibriornaturaljanu.blogspot.com

- Mosquetões de aço: usados na ancoragem das cordas. Os de aço são mais recomendados por terem uma resistência e durabilidade maior. Os mosquetões de alumínio são utilizados para ligar o freio à cadeirinha.



Figura 4 – Mosquetão de aço. Fonte: www.ecoventure.com.br

- Cordas: utilizadas para fazer as descidas, elas devem ter um núcleo trançado independente além da capa, de preferência devem ser de nylon ou polipropileno.



Figura 5- Cordas. Fonte: <http://sem limitespvh.blogspot.com.br/>

- Freio 8: são de aço ou alumínio, usados para torcer a corda aumentando o atrito e assim reduzindo a velocidade da descida, é a peça que da controle a descida.



Figura 6 – Freio. Fonte: www.asdivers.com.br

- Fitas Solteiras: são as mais aconselhadas para fazer ancoragens, por resistirem a mais tempo e serem mais confiáveis.



Figura 7 - Fitas Solteiras. Fonte: www.planetavertical.com.br

O turismo de aventura é um segmento da atividade turística que permite o contato direto com a natureza, através de atividades físicas individuais ou em grupos, podendo ser realizadas por pessoas com diferentes deficiências, uma vez que os processos de segurança são determinantes para a realização das atividades.

Atualmente, as atividades de aventura ainda não atendem um contingente grande de pessoas com alguma deficiência, por um lado pela falta de melhores condições de acessibilidade, por outro, existe a falta de projetos voltados para

estes segmentos sociais. Para que os portadores de deficiência física sejam inseridos na atividade turística, são fundamentais políticas públicas e adequação de equipamentos e serviços turísticos para que os entretenimentos e lazer para este público sejam ampliados.

3. ACESSIBILIDADE E NORMAS TÉCNICAS

3.1- ACESSIBILIDADE NAS CIDADES

A importância das políticas públicas no cenário da sociedade está ligada às responsabilidades do Estado, no bem estar de sua população, como na saúde, educação, meio ambiente, acessibilidade para deficientes físicos entre outras coisas. Pode-se dizer que é um resultado de um demorado processo que envolve interesses, confrontos e negociações entre várias partes envolvidas e entre os atores que dela fazem parte. Pode ser definida como:

"Um conjunto de ações e omissões que manifestam uma modalidade de intervenção do Estado em relação a uma questão que chama a atenção, o interesse e a mobilização de outros atores da sociedade civil. Desta intervenção, pode-se inferir uma determinada direção, uma determinada orientação normativa, que, presumivelmente, afetará o futuro curso do processo social desenvolvido, até então, em torno do tema." (Oszlak e O' Doneell, 1976:21).

Os problemas enfrentados pelas cidades pela falta de infraestrutura necessária para atender as pessoas com algum tipo de deficiência é preocupante, pois nestes casos as impossibilitam de ter uma vida social ativa, desestimulando saírem de suas casas para visitar algum atrativo presente no local, como também sair em locais públicos, como museus, teatros e outros.

O termo inclusão tem sua origem na palavra integração, já que esta foi usada de forma errônea. Inclusão não é somente uma questão de colocar alguém em um grupo junto com outras pessoas, inclusão é receber alguém e fazer deste alguém, parte importante de tudo aquilo que ocorre no dia a dia da sociedade. "Inclusão é uma consciência de comunidade, uma aceitação das diferenças e uma corresponsabilização para obviar às necessidades de outros". (Stainback e Stainback, 1990).

O caminho para se atingir a inclusão no Turismo, exige que primeiramente se tenha consciência das dificuldades existentes. São estas dificuldades que quando analisadas sob o olhar da inclusão são classificadas como "barreiras", que podem ser arquitetônicas, comunicacionais, instrumentais e programáticas.

A sociedade depara-se diariamente com determinadas situações, como

calçadas mal conservadas, locais públicos sem infraestrutura para atender este público entre muitos outros. Podemos notar também, o quanto a população é afetada com a falta de acessibilidade dentro da cidade, e esse é um ponto que podemos considerar como fator de muitos não saírem de casa, preferindo muitas vezes o convívio familiar. Essa “exclusão” faz com que a pessoa se torne refém dos seus próprios medos, pois no seu ver ela vai ser ridicularizada por ser diferente ou mesmo por fatores como o despreparo da cidade em comportar as suas necessidades.

Segundo Araujo (2003):

"A questão da acessibilidade é muito importante quando nos referimos aos deficientes físicos, pois muitos deles deixam de usufruir de uma vida normal por se depararem dia a dia com barreiras arquitetônicas nas ruas, estabelecimentos e em transportes públicos. Pela lei, é obrigatória a adaptação de todos os tipos de estabelecimento às necessidades dos deficientes físicos, bem como de idosos, gestantes, obesos, dentre outros. Tais adaptações se resumem a rampas, elevadores, corrimãos, banheiros com barras de apoio nas paredes, corredores e portas largas, etc."

Problemas ligados à acessibilidade de cadeirantes em locais públicos, como teatros, cinemas, atrativos naturais e mesmo dentro das próprias cidades como a falta de infraestrutura para atender a estes, onde deparamos com escadas, elevadores inadequados, portas estreitas principalmente em construções antigas, calçadas mal cuidadas, ônibus que não tem elevadores, além de apertadas vagas no estacionamento.

Devemos nos preocupar com toda a infraestrutura de apoio para a acessibilidade dos portadores de necessidades especiais, por exemplo, banheiros adequados, locais amplos para a movimentação, lanchonetes preparadas para atender essa demanda, isso dentro de um espaço fechado. Na área natural trilhas que permitam o cadeirante fazer sem se preocupar em subir e descer escadas, oferecer um caminho limpo, sem barreiras que o impeça de passar, banheiros, lanchonetes, guias preparados para o atendimento aos deficientes físicos.

Segundo o FASTER (Centro de Referências): "A acessibilidade é uma condição básica para a inclusão social das pessoas com deficiências ou que

tenham necessidades especiais.” Por isso é dever do governo assegurar que estas pessoas possam ir e vir com todo conforto e sem problemas, com isso é necessário políticas públicas voltadas para estas questões, executando e adaptando estes locais. Atividades cotidianas como ir à escola, ao cinema, andar pelas ruas, ter um emprego ou acessar a internet pode transformar-se em um desafio por conta das dificuldades impostas pela falta de adaptação. A conscientização da diminuição dos impactos de suas limitações por meio de projetos que os valorizem enquanto cidadão vem crescendo no Brasil, embora o país ainda esteja “engatinhando” perante a estrutura de acessibilidade de países como os Estados Unidos e Canadá.

3.1.1- Normas do turismo de aventura

Para prevenir acidentes e tornar o Brasil competitivo como um dos principais destinos do Turismo de Aventura, o Ministério do Turismo promoveu o desenvolvimento das normas, por meio do Comitê Brasileiro do Turismo, vinculado à ABNT, considerado o fórum nacional de normalização do País. As Normas Técnicas são elaboradas depois de estudos sobre tipos de turistas, número de acidentes e todas as etapas da operação, incluindo as questões técnicas e ambientais.

O propósito é oferecer subsídios para que a sociedade possa optar por produtos de qualidade, referendados por um instrumento confiável e oficial. As Normas Técnicas são aplicáveis ao setor de turismo de modo geral, não se limitando exclusivamente ao Turismo de Aventura, independentemente do processo de certificação.

O quadro a seguir aponta as normas da ABNT relacionadas com o turismo de aventura, onde este estabelece requisitos básicos para os procedimentos de operação, segurança e das instalações físicas destes locais.

QUADRO 4 – Normas do Turismo de Aventura

| | | |
|------------------|---|---|
| ABNT NBR15285 | Turismo de Aventura – Condutor – Competências de Pessoal. | Estabelece resultados esperados e competências mínimas para condutores de Turismo de Aventura, independentemente do tipo de atividade praticada. |
| ABNT NBR15331 | Turismo de Aventura – Sistemas de Gestão da Segurança – Requisitos. | Especifica requisitos para um sistema de gestão da segurança e aplicação de processos de melhoria contínua visando promover a prática de atividades de aventura de forma segura. |
| ABNT NBR15334 | Norma de Sistemas de Gestão da Segurança - Requisitos de Competências para Auditores. | Estabelece requisitos mínimos para os auditores responsáveis por verificar os sistemas de gestão da segurança implantados nas organizações que atuam com o segmento de Turismo de Aventura. |
| ABNT NBR15286 | Turismo de Aventura – Informações Preliminares a Clientes. | Elenca requisitos gerais mínimos de informações relativas à segurança e aos aspectos contratuais pertinentes, referentes a produtos e serviços que incluam atividades de Turismo de Aventura, ofertados por pessoa física ou jurídica, antes da formalização da compra. |
| ABNT NBR15370 | – Turismo de Aventura – Condutores de Rafting – Competências de Pessoal. | Estabelece resultados esperados e competências para condutores relacionadas à preparação e condução de cliente para a prática de rafting. |
| CE54:003.09 | Turismo com Atividades com uso de Técnicas verticais. | Especifica requisitos de operação relativos à segurança de clientes e condutores de produtos (serviços) de Turismo de Aventura para a prática das seguintes atividades de aventura que empregam técnicas verticais: cachoeirismo, rapel, tirolesa e escalada. |
| | Procedimentos – Técnicas Verticais em Cânions, Cavernas, Montanhas, Ambientes Artificiais e Arvorismo | Especifica padrões mínimos de segurança em alguns dos procedimentos para as práticas que empregam técnicas verticais utilizadas em atividades de Turismo de Aventura. |
| CE54:003.11 | Turismo de Aventura – Especificação do Produto – Atividades de Arvorismo – Requisitos para Serviços. | Define requisitos de segurança para clientes e condutores de produtos (serviços) de Turismo de Aventura para a prática de atividades de arvorismo. Abrange percursos instalados em árvores ou em estruturas artificiais, que podem ser guiados, autoguiados ou mistos, e abranger os dois sistemas de instalações. |
| | Atividades de Aventura – Parques de Arvorismo – Requisitos para Instalações Físicas. | Estabelece condições para instalações físicas, especificando requisitos para projetos, construção, montagem, manutenção e operação de percursos de arvorismo com finalidade turística, definindo critérios para a escolha e utilização de materiais, equipamentos e procedimentos para a operação responsável e segura. |
| ABNT NBR15383 | Turismo de Aventura | Condutores de turismo fora-de-estrada em veículos 4 x 4 ou bugues – Competências de pessoa. |
| ABNT | Turismo de Aventura | Condutores de montanhismo e de escalada – |

| | | |
|----------------|--------------------------------------|--|
| NBR15397 | | Competências de pessoal. |
| ABNT NBR 15398 | Turismo de Aventura | Condutores de caminhada de longo curso – Competências de pessoal. |
| ABNT NBR 15399 | Turismo de Aventura | Condutores de espeleoturismo de aventura – Competências de pessoal. |
| ABNT NBR 15400 | Turismo de Aventura | Condutores de canionismo e cachoeirismo– Competências de pessoal. |
| ABNT NBR 15453 | Turismo de Aventura | Turismo fora-de-estrada em veículos 4 x 4 ou bugues – Requisitos para produto. |
| ABNT NBR 15500 | Turismo de Aventura | Terminologia. |
| ABNT NBR 15503 | Turismo de Aventura | Espeleoturismo de aventura – Requisitos para produto. |
| ABNT NBR 15505 | Turismo com atividades de caminhada. | Requisitos para produto, classificação de percursos. |
| | | |

Fonte: Brasil. Ministério do Turismo. Brasília, 2008

3.1.2 – Normas de acessibilidade

As normas de acessibilidade estabelecidas pela ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), relacionadas a pessoas com deficiências, são as seguintes:

QUADRO 5 – Normas ABNT

| | |
|------------------------------|--|
| NBR-9050 | Acessibilidade de pessoas com deficiência a edificações, espaço, mobiliário e equipamentos urbanos (em processo de revisão). |
| NBR-14020 (dez-97) | Transporte - Acessibilidade da pessoa com deficiência a trens de longo percurso. |
| NBR-14021 (dez-97) | Transporte - Acessibilidade da pessoa com deficiência a trens metropolitanos. |
| NBR-14022 (dez-97) | Transporte - Acessibilidade da pessoa com deficiência a ônibus e trolebus, para atendimento urbano e intermunicipal. |
| NBR – 14273 | Acessibilidade da pessoa com deficiência a transporte aéreo comercial. |
| NBR-13994 (aprovada em 2000) | Elevadores para transporte de pessoas com deficiência. |
| NBR- 15320 (2005) | Acessibilidade à pessoa com deficiência no transporte rodoviário. |
| NBR – 15250 (2005) | Acessibilidade em caixa de auto-atendimento bancário. |
| NBR – 15290 (2005) | Acessibilidade em comunicação na televisão. |

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2008

As exigências, tanto em meios culturais, naturais, obrigam estes lugares a constantes atualizações. A diversidade do público desafia estes locais e seus profissionais a corresponder as suas expectativas e antes de tudo, as suas necessidades. Assim, atendendo a todos os públicos, para ser um ambiente

acessível, é indispensável à aplicação de recursos para a acessibilidade física, de conteúdo e em sistemas de informação e comunicação. Sabe-se que a acessibilidade está relacionada com a prática da inclusão, que se refere a possibilidade de participação das pessoas na sociedade em condições de igualdade e sem discriminação ou preconceitos. Para tanto é necessário garantir total acesso aos mais variados locais e atividades, eliminando as barreiras existentes que comprometem a participação de todos.

4. TURISMO DE AVENTURA PARA CADEIRANTES

4.1- SURGIMENTO DA PRÁTICA

O que tempos atrás, era até certo ponto, uma “vergonha”, estar numa cadeira de rodas e com pensamento que está incapacitado de realizar as tarefas, vê-se hoje em dia pessoas que não se acomodam com essa situação, que buscam estar a cada dia vencendo, indo atrás dos seus objetivos não importando as dificuldades e obstáculos do caminho. O Decreto Federal nº 3298/1999, define deficiência como:

a deficiência física refere-se ao comprometimento do aparelho locomotor que compreende o sistema ósteo-articular, o sistema muscular e o sistema nervoso. As doenças ou lesões que afetam quaisquer desses sistemas, isoladamente ou em conjunto, podem produzir quadros de limitações físicas de grau e gravidade variáveis, segundo o(s) segmento(s) corporais afetados e o tipo de lesão ocorrida.

A organização Mundial da Saúde (OMS) estipula que cerca de 10% da população nos países desenvolvidos e 12% a 15% nos países subdesenvolvidos sofram com algum tipo de deficiência e apenas 2% desta população recebe algum tipo de atendimento especializado, público ou privado. Dados do último censo do IBGE, realizado em 2000 (no Brasil há 24,6 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência). De acordo com a Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes – ONU (1975) lesão medular se dá “por ferimentos por arma de fogo; ferimento por arma branca; acidentes de trânsito; mergulho em águas rasas. Traumatismos diretos; quedas; processos infecciosos; processos degenerativos e outros” fazendo com que esta pessoa tenha que se utilizar de meios de locomoção como cadeiras de rodas, muletas entre outros dispositivos.

Segundo Moreira (2010), é necessário criar equipamentos específicos que proporcionassem maior segurança, conforto e equilíbrio durante as atividades de aventura, tais como:

- Cadeirinha adaptada para técnicas verticais (rapel, arvorismo e tirolesa): protege o usuário envolvendo suas costas e pernas, com três sistemas de segurança ajustáveis que facilitam o posicionamento correto da pessoa

especial. Os materiais são bem resistentes, de poliéster e aço, e não diferem das demais cadeirinhas, apenas ampliam o conforto da pessoa. Esta cadeirinha foi adaptada da atividade de parapente, pois como apresenta encosto acaba facilitando que pessoas sem controle do tronco permaneçam na posição correta. Outra adaptação que pode ser feita dependendo do tipo de deficiência da pessoa é utilizar a cadeirinha padrão com o cinto peitoral.



Figura 8 – Cadeirante se preparando para a tirolesa. Fonte: <http://www.faders.rs.gov.br>

- Cadeira para bote de rafting: foi desenvolvida para pessoas sem mobilidade no tronco, baseada na cadeira de kart, para que a pessoa especial se posicione de maneira correta no bote e tenha firmeza. O material utilizado foi fibra e é toda acolchoada, com apoio para a cabeça, fixada ao bote com fitas de velcro e posicionada no centro entre as duas bisnagas.



Figura 9 - Cadeirantes se preparando para o rafting.
Fonte: turismoadaptado.wordpress.com

- Colete salva-vidas adaptado: é um colete com maior flutuação na parte frontal e duas boias auxiliares para as pernas, pois muitas pessoas com deficiência não conseguem controlar o posicionamento na água. Foi elaborado para que a pessoa especial automaticamente vire de barriga para cima em posição de corredeira e a faixa inguinal evita que o colete suba.



Figura 10 - Modelo de colete adaptado. Fonte: www.ludensmachico.pt

4.2- INFRAESTRUTURA EM SOCORRO-SP

A cidade de Socorro, no estado de São Paulo (figura 11) é hoje exemplo nacional de turismo acessível, e pioneira no País. As adaptações que foram feitas resultaram num roteiro que interliga dez pontos turísticos acessíveis a turistas com deficiências na região central da cidade paulista. Para tal, a cidade passou a oferecer modalidades esportivas completamente adaptadas, desde práticas mais tradicionais, como caminhada de curta duração, cavalgada, escalada, até mais radicais como tirolesa, rafting, arvorismo e canoagem.



Figura 11: Cadeirante realizando tirolesa no Campo dos Sonhos em Socorro – SP.

Fonte: Campo dos Sonhos

As atividades se dividem naquelas que podem ser praticadas normalmente, com adaptação mínima e monitores; que requerem uso de equipamentos adaptados; e que são restritas a um ou outro tipo de deficiência. Em parceria com a ONG Aventura Especial foi criado o projeto “Aventureiros Especiais” no qual o objetivo principal é tornar a cidade completamente adaptada. Outro ponto que se pode destacar são os profissionais habilitados para orientá-los e monitorá-los nas diversas atividades esportivas, onde todos envolvidos nas atividades receberam treinamento da ONG.

Foram realizadas pesquisas nos municípios de Socorro e Ponta Grossa com a intenção de obter informações de quais são as motivações deste grupo

de pessoas, quais as suas percepções dos locais, do porque buscar um esporte de aventuras e a infraestrutura apresentada no Campo dos Sonhos em Socorro.



Figura 12 – Localização do município de Socorro – SP.

Fonte: <https://maps.google.com.br>

A cidade de Socorro - SP como tem um relevo muito acidentado, com muitas elevações, proporciona ao turista de aventura muitas atividades ao ar livre. A cidade tornou-se referência para o turismo adaptado, de acordo com a Estância Socorro, pelo fato de ser a primeira no Brasil a ser totalmente adaptada, com calçadas, telefones públicos, prédios públicos, parques para a atividade de aventura e semáforos com recursos sonoros para portadores de deficiência auditiva.

O Campo dos Sonhos ajuda o portador de deficiência socializar-se nas atividades com as demais pessoas que não tem essas mesmas dificuldades e serve de referência aos demais parques do país, que pretendem desenvolver um trabalho semelhante, pois foi pensado em satisfazer todas as necessidades do portador de deficiência que estará visitando o local. No parque estes conseguem transitar facilmente por todos os lugares, pois existem automóveis adaptados para este público como também calçadas totalmente aptas para a circulação das pessoas.



Figura 13 – Esquema do Parque Campo dos Sonhos para representar área do parque e infraestrutura.

Fonte: <http://www.campossonhos.com.br/mapa-do-campo>

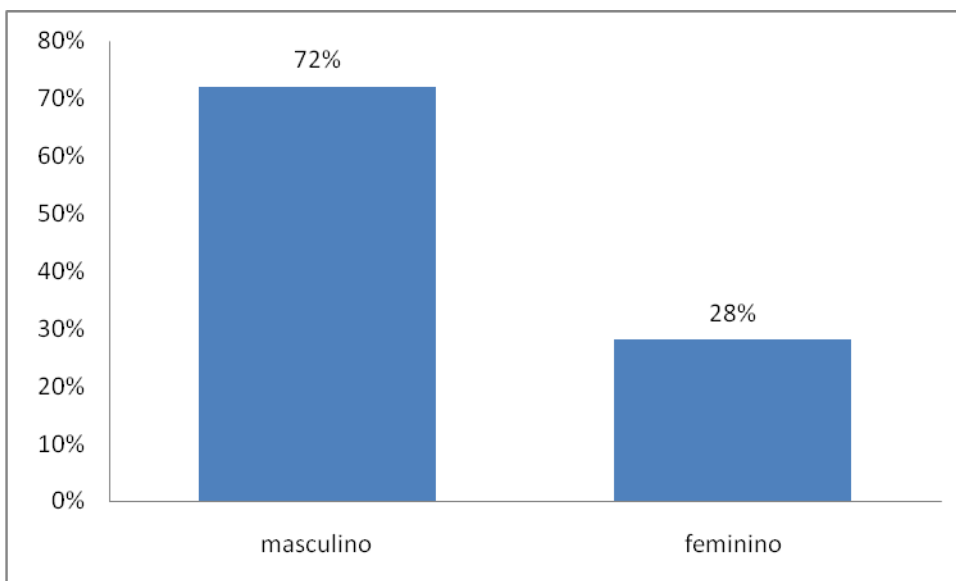
4.3- PESQUISAS E ANALISE DE RESULTADOS

4.1.1- Pesquisas realizadas na cidade de Socorro – SP

Na busca de dados, a pesquisa foi realizada no Campo dos Sonhos, o parque onde os cadeirantes podem praticar a tirolesa, num percurso que conta com 90 metros de extensão. A pesquisa foi realizada com 22 pessoas, que responderam o questionário, e onde se busca informações como, qual a motivação para a busca destas atividades, sobre a infraestrutura do parque onde se foi realizada a visita, entre outras questões importantes para o desenvolvimento do trabalho. A pesquisa foi realizada durante o final de semana e os participantes eram de grupos distintos.

Em relação à idade dos entrevistados teve variação dos 18 anos até participantes com 35 anos e que o maior percentual foi atingido com pessoas com 27 anos contando com 18% de todos os entrevistados.

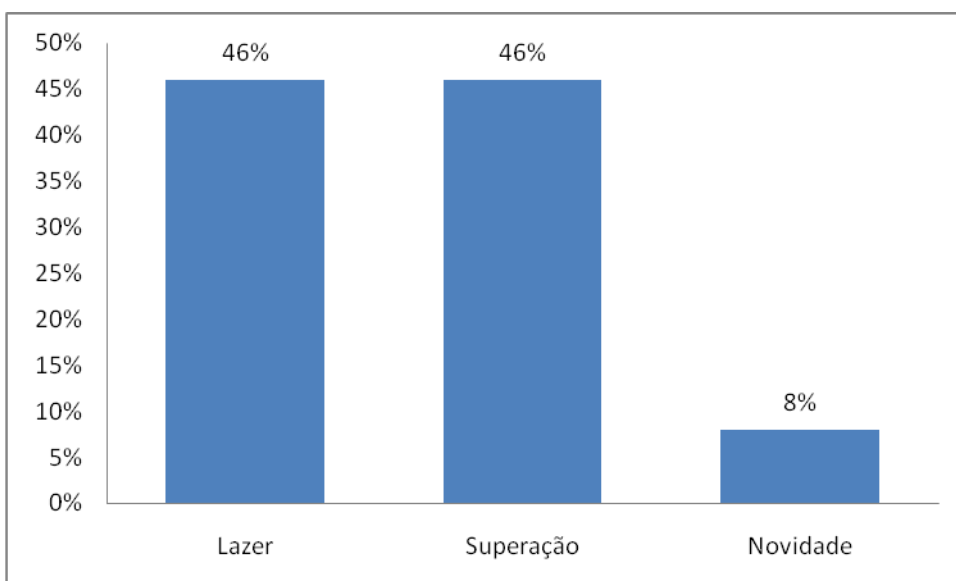
Gráfico 1 - Sexo



Fonte: O autor

Na pesquisa realizada com turistas em Socorro 72% dos entrevistados eram do sexo masculino, enquanto que 28% eram do sexo feminino, assim demonstrando que mulheres ainda são minorias quando se trata em atividades de aventura, pois muitas ainda sentem medo ou receio de que não conseguirão realizar.

Gráfico 2 - O que levou a buscar a atividade de aventura?



Fonte: O autor

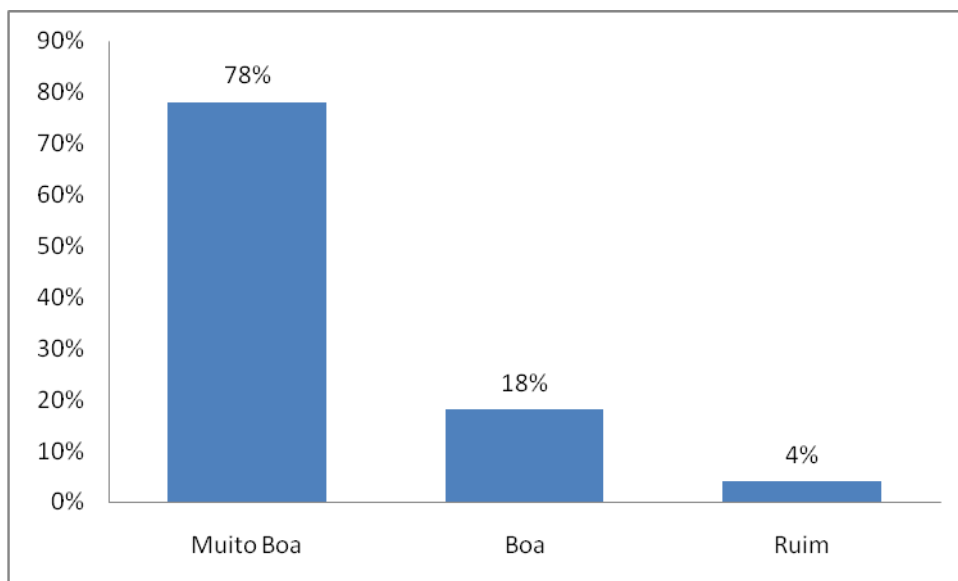
Em relação ao gráfico 2, podemos notar três respostas, sendo que *lazer* e *superação*, cada uma com 46% dos entrevistados, responderam que são as principais motivações que levaram a buscar o turismo de aventura, isso mostra a importância desta atividade para os deficientes físicos, pois estes assim podem “fugir” da rotina e buscar alguma forma lazer ou de superação, como foi respondido.



Figura 14- A superação dos medos é uma das motivações dos cadeirantes para o turismo de aventura. Fonte: Campo dos Sonhos.

Cerca de 8% responderam como *novidade* a pergunta. A importância de parques como estes está refletida na resposta da maioria dos entrevistados, pois muitos cadeirantes sentem preconceitos por parte da população e muitos não gostam de sair de suas próprias casas, sentem dificuldades de locomoção nas ruas, em acessar prédios, mas estes são apenas alguns dos fatores que inibem estas pessoas. Sendo assim, parques para esta finalidade, fazem com que estas pessoas se sintam parte importante da sociedade, porque ali são tratados de forma igual, superando suas necessidades e buscando o lazer, onde em casa, muitas vezes, não há esta condição.

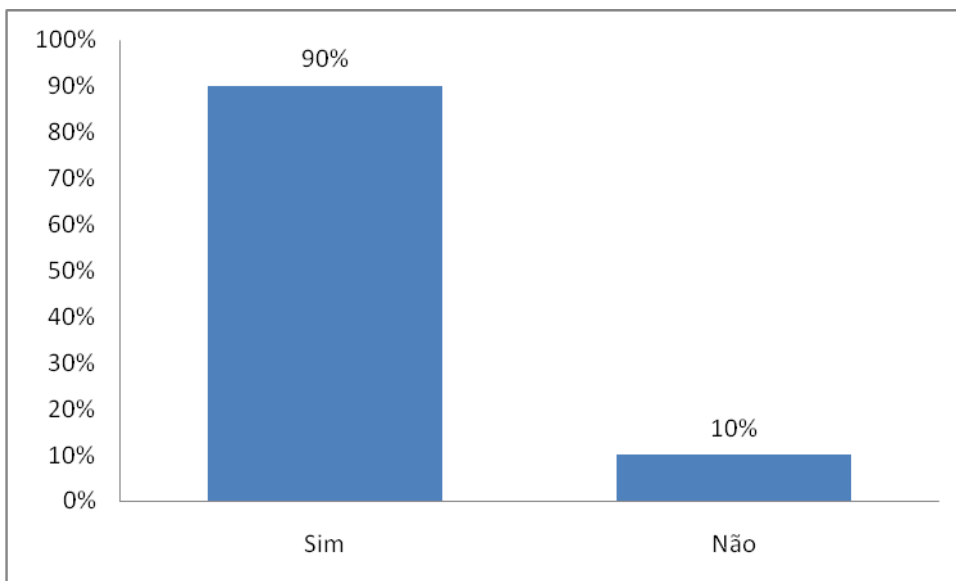
Gráfico 3 - O que achou da infraestrutura apresentada pelo parque?



Fonte: O autor

No gráfico número 3, os participantes eram indagados sobre as condições do parque em receber este público, sendo que 78% dos entrevistados acharam o parque com condições Muito Boas, pois atendiam todas as suas necessidades, 18% dos entrevistados responderam que as condições eram Boas e apenas 4% destes acharam as condições Ruins, justificando que os banheiros não eram totalmente apropriados e que em alguns havia falhas nas colocações de barras dificultando o acesso. Para este problema não acontecer é importante analisar as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) para adequação de todos os lugares dentro do parque, pois este é vital para o melhor acolhimento dos portadores de deficiência no parque.

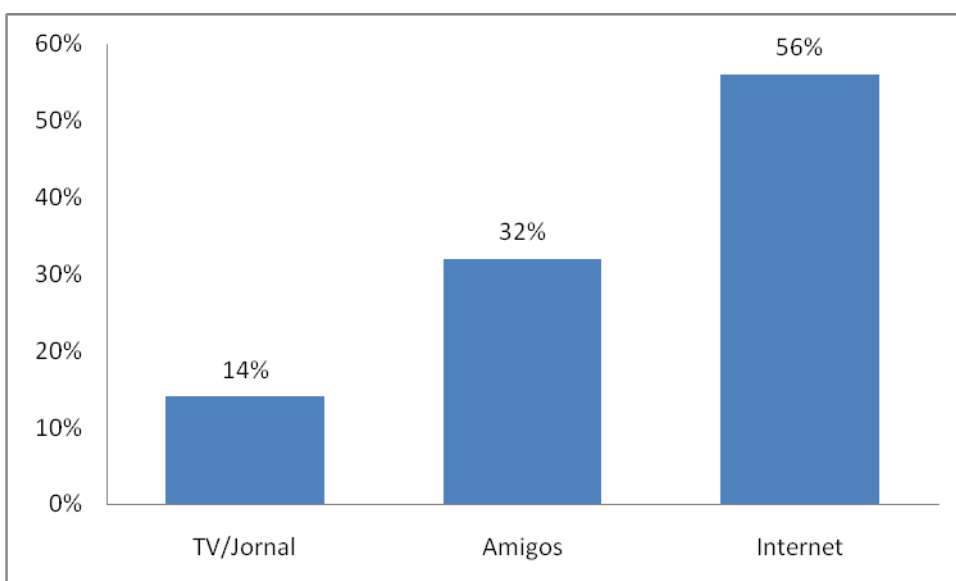
Gráfico 4 - As necessidades de acessibilidade foram todas satisfeitas?



Fonte: O autor

No gráfico de número 4, o entrevistado era perguntado sobre e suas necessidades dentro do parque foram todas satisfeitas, onde se obteve o resultado de 90% respondendo que suas necessidades satisfeitas, como fácil acesso dentro doo parque, facilidade nos banheiros, a atividade satisfatória, entre outras. Enquanto 10% responderam que não tiveram suas necessidades totalmente satisfeitas, muito por conta dos banheiros.

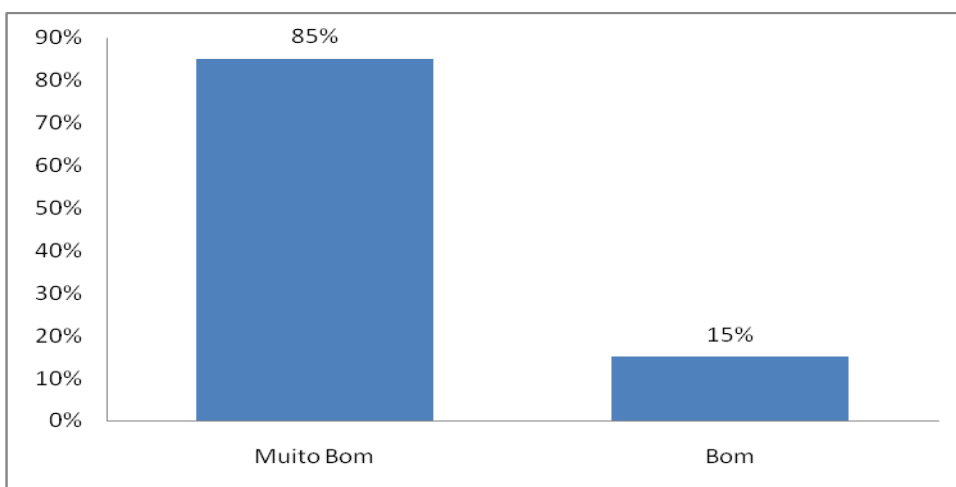
Gráfico 5 - Como ficou sabendo da existência do parque?



Fonte: O autor

Sobre como soube da existência do parque, cerca de 54% dos entrevistados responderam que souberam da existência do mesmo pela internet, mostrando a importância de mostrar o produto na rede, também outro fator destacado são as redes sociais que também surgiram como um ponto positivo para estas empresas. A opção *Amigos* obteve 32% do total, ressaltando que a importância que o atender bem ainda surge como um ótimo trabalho fazendo com que o visitante indique para outros o local. Imprensa teve 14% indicando que ainda é uma boa opção de divulgação dos locais.

Gráfico 6 - O que achou dos equipamentos de segurança?



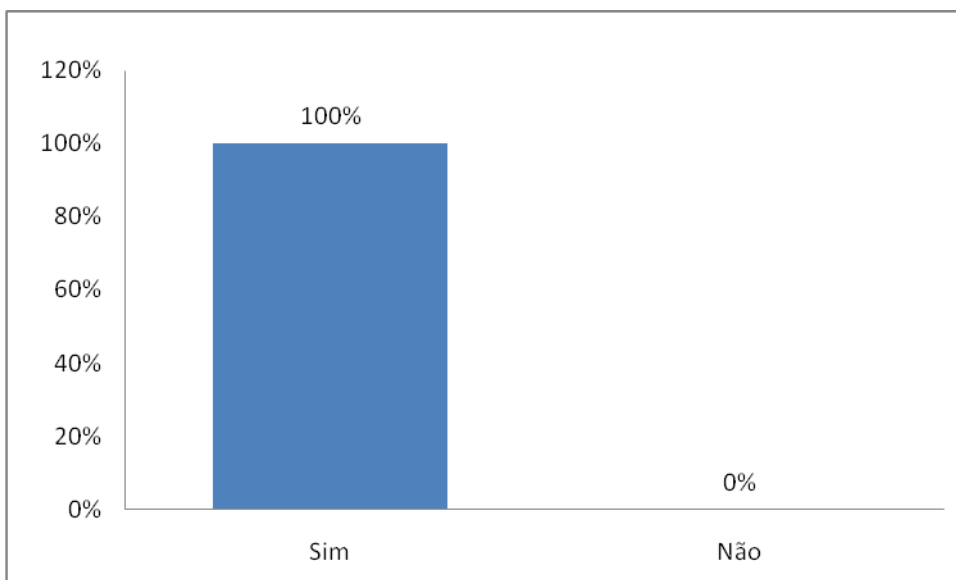
Fonte: O autor

Equipamentos de segurança são essenciais para quem trabalha com o turismo de aventura, e estes tem que estar em ótimo estado de conservação, revisados e de qualidade. Foi querendo saber o que os visitantes acharam dos equipamentos de segurança do local a pergunta de número 7, aborda este aspecto, sendo que 85% dos entrevistados elegeram como *Muito Bom* os equipamentos e 15% como *Bom*. Vale ressaltar que nenhum do entrevistados achou *Ruim os equipamentos*, mostrando assim que todos estavam em condições de uso.



Figura 15 - Exemplos de uso de equipamentos na atividade de Tirolesa. Fonte: Campo dos Sonhos.

Gráfico 7 - Em relação aos profissionais, estes estavam preparados para atendê-lo?

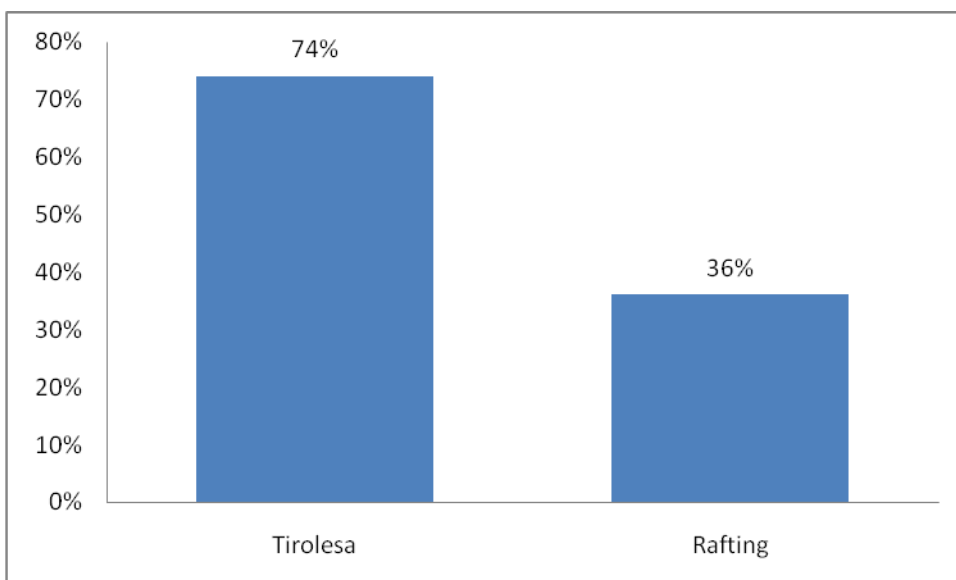


Fonte: O autor

Assim como os equipamentos de segurança, os profissionais que trabalham com este público devem ser aptos a realizar estas atividades, tendo realizado cursos para saber conduzir da melhor forma a atividade, saber das

normas de segurança, das normas técnicas para a realização da mesma. Para saber o que os entrevistados acharam dos profissionais que lhe atenderam, a questão aborda este tema, se os profissionais são preparados para atendê-los e onde se obteve o resultado que 100% destes responderam que foram muito bem atendidos por estes, que todas as atividades realizadas estes acompanharam e executaram com profissionalismo. Também vale ressaltar que todos que trabalham têm cursos para a realização das atividades ofertadas pelo local, estes cursos segundo o profissional são realizados geralmente na capital São Paulo e ressaltam a importância de sempre estar se atualizando.

Gráfico 8 - Atividade preferida?



Fonte: O autor

Na última questão, os entrevistados respondiam qual atividade eles preferem, sendo a que as duas votadas foram a Tirolesa e o Rafting, sendo que a primeira teve 74% e o segundo teve 36% dos votos dos entrevistados.

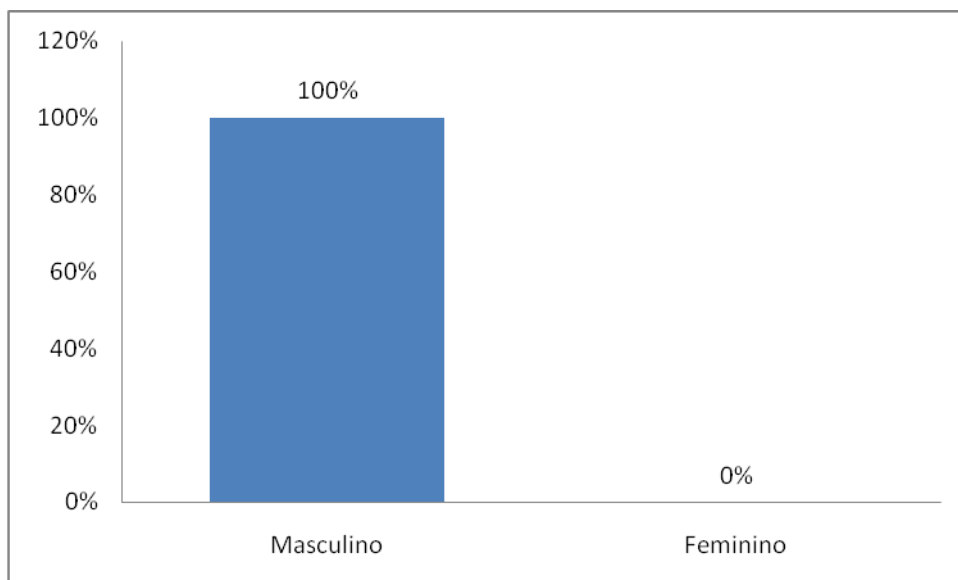
4.1.2 – Pesquisas realizadas na cidade de Ponta Grossa – PR

Outra pesquisa foi realizada na cidade de Ponta Grossa, com o grupo que participa do basquete para cadeirantes, onde neste grupo foram respondidas 23 pesquisas, sendo que todas estas foram realizadas com homens, pois é predominante esse público na atividade do basquete em Ponta Grossa. Também buscou levantar, a exemplo de Socorro, dados como se estes

já tiveram contato com atividades de aventura, se os entrevistados praticariam turismo de aventura entre outras questões a fim de levantar informações para o desenvolvimento do trabalho.

Foi perguntado sobre a idade dos entrevistados, onde se percebeu que esta varia muito, dos mais jovens até pessoas com mais idade, importante para ter uma visão de varias faixas etárias sobre turismo de aventura para deficientes físicos. A idade vai dos 24 anos até os 44 anos, tendo percentual em todas as idades, sendo que a maior faixa etária que respondeu o questionário esta presente na idade de 27 a 30 anos.

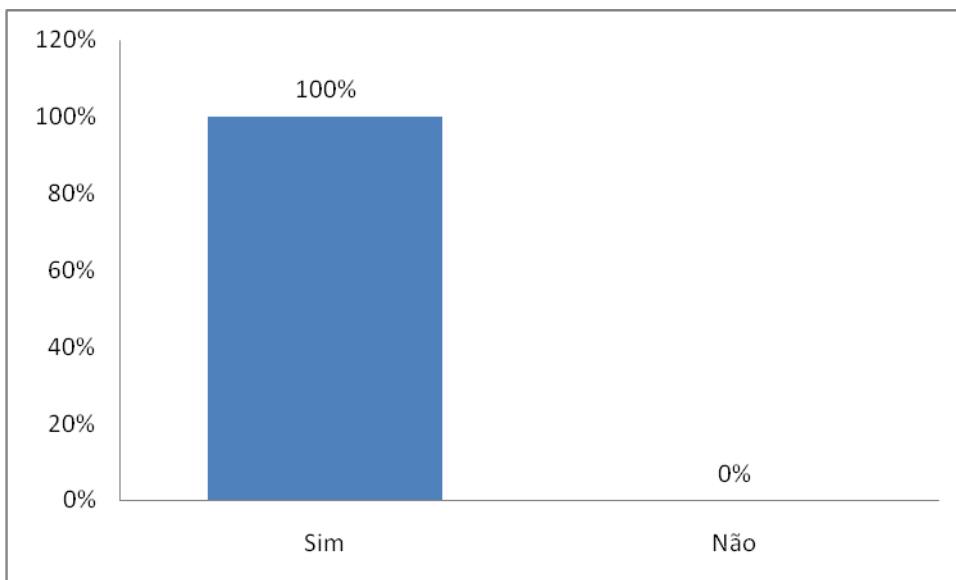
Gráfico 9 - Sexo



Fonte: O autor

Todos os entrevistados eram do sexo masculino, pois se tratava de uma equipe de basquete masculino.

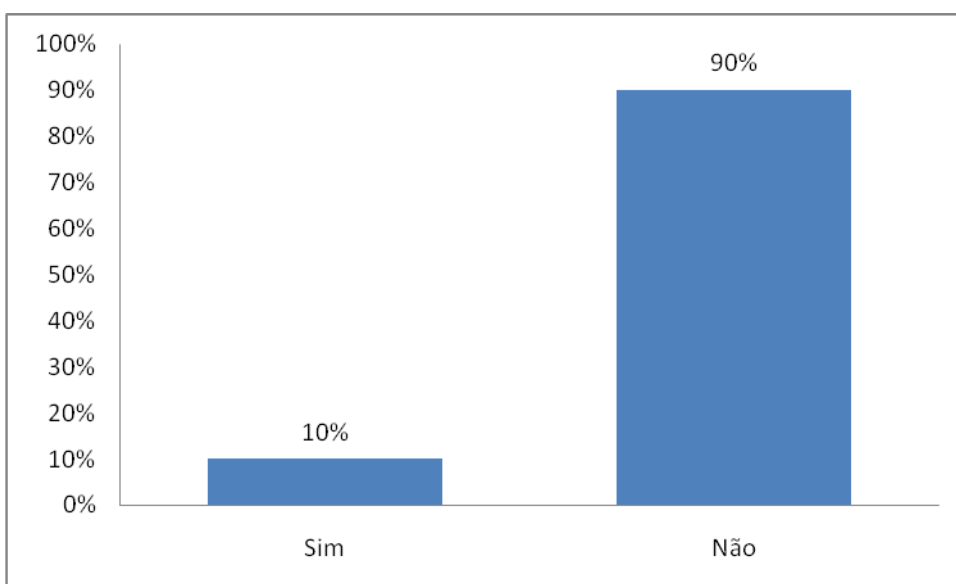
Gráfico 10 - Praticaria Turismo de Aventura?



Fonte: O autor

Na questão, os entrevistados eram perguntados se estes fariam algum tipo de atividade de aventura, onde se viu que os mesmos gostariam de praticar alguma atividade, mas que a falta de locais dentro da cidade de Ponta Grossa dificulta, pois não se encontra lugares para esta atividade, também empresas para a realização da mesma e profissionais capacitados para realizar.

Gráfico 11 - Já praticou Turismo de Aventura?



Fonte: O autor

Na questão apenas 1 (um) entrevistado respondeu que realizou uma atividade de aventura. Se Sim, responder as questões abaixo:

1- Qual atividade praticada?

Na referida pergunta o entrevistado respondeu que a atividade realizada por ele foi a de Tirolesa na cidade de São Paulo há alguns anos atrás, durante sua visita a casa de parentes e amigos. Segundo ele foi numa visita ao Shopping local, onde havia uma exposição desta atividade no lugar, e foi onde ele se sentiu com vontade e motivado para realizá-la. Na época e no local não haviam equipamentos necessários para a prática por parte de deficientes e segundo o entrevistado foi na base do improvisado para este subir até a plataforma.

2- Como ficou sabendo da atividade/lugar?

Através dos amigos, que convidaram o entrevistado para fazer um passeio pela cidade.

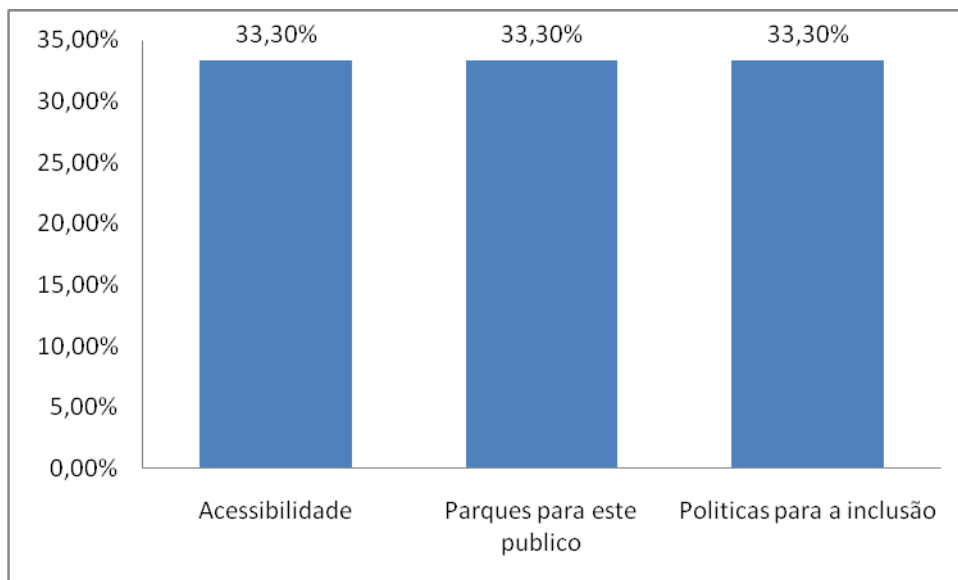
3- Como estavam os equipamentos de segurança?

Nesta questão o entrevistado ressaltou que os equipamentos estavam todos em excelente estado de conservação, que todos funcionaram normalmente e que durante sua vez e em outras que este pode acompanhar não houve qualquer tipo de acidente ou imprevistos no local.

4- Em relação aos profissionais, estes estavam preparados para atendê-lo?

Nesta questão o entrevistado era perguntado sobre os profissionais que fizeram o atendimento, segundo este, todos os profissionais, mesmo não contando com as ferramentas e equipamentos necessários para realizar a atividade com portadores de deficiência física, mostraram muito respeito e muita vontade de realizar a atividade, que também foi muito bem tratado e que suas necessidades foram todas atendidas.

Gráfico 12 - No geral, na atividade turística o que poderia ser melhorado para inclusão?



Fonte: O autor

Na presente pergunta o entrevistado era instigado a responder sobre o que poderia ser melhorado para que este tipo de público possa desfrutar de atrativos turísticos dentro ou fora da sua cidade. Os pontos destacados foram a acessibilidade através de ruas e calçadas próprias e em bom estado para o deslocamento, parques adequados para o recebimento, com trilhas sinalizadas e sem obstáculos que a impeçam de transitar, novos empreendimentos para aqueles que têm alguma deficiência, que se sintam motivados para fazer este passeio e também políticas públicas para facilitar o acesso destas pessoas em todos os lugares a serem visitados, dentro das cidades locais acessíveis que não o impeçam de ir e vir dentro das localidades.

Para o entrevistado ainda falta muito a fazer, pois muitos lugares que este gostaria de visitar mostram dificuldades de acesso, como escadas, e principalmente lugares com falta de infraestrutura apropriada para o recebimento.

5- Atividade preferida?

O entrevistado salientou que foi uma grande experiência realizar a atividade de tirolesa e certamente votaria a realizar, mas a falta de locais na cidade de Ponta Grossa dificulta.

Ainda com relação aos resultados obtidos pela presente pesquisa, muitas são as barreiras enfrentadas por deficientes em atividades de lazer, entretenimento e turismo – falta de preparo dos operadores, barreiras arquitetônicas, preços elevados. Tais limitações, como se viu, são agravadas por desinteresse ou descaso tanto por parte das organizações produtivas quanto da população em geral e do governo no que tange à questão da inclusão. Outro ponto importante levantado pela pesquisa foi a ideia de que cada deficiente tem necessidades singulares e precisa ser tratado como indivíduo único.

É possível classificar grupos de acordo com a análise de cada deficiência e apontar, por exemplo, que portadores de deficiências físicas têm mais problemas com barreiras arquitetônicas e os deficientes mentais têm mais problemas com comunicação e com o preconceito da sociedade.

Considerações Finais

O turismo de aventura adaptado se trata de uma atividade com características diferenciadas em sua concepção, bem como em seu público, e tem um grande potencial de crescimento. Atualmente percebem-se alguns avanços em relação à *acessibilidade*, algo que no Brasil era negligenciado até algumas décadas atrás. Busca-se uma sociedade mais inclusiva, e muitas pessoas lutam para que as barreiras sejam minimizadas e as atividades fora de casa ou das instituições especializadas tenham suas dificuldades minimizadas.

As pessoas portadoras de deficiência têm suas limitações e, muitas vezes, necessitam de um atendimento especial para que possam se sentir parte importante dentro da sociedade. Atividades turísticas relacionadas à aventura são importantes para melhorar sua autoestima e por possibilitarem uma superação dos seus limites.

De forma geral, mesmo representando uma fatia considerável do mercado, os deficientes enfrentam problemas para exercer quase todos os papéis sociais, inclusive o de consumidores (CAMARGO, 2001; SANSIVIEIRO & DIAS, 2005). Por outro lado, a constatação de que há um grande contingente de brasileiros portadores de alguma deficiência que desejam exercer sua cidadania de forma completa – inclusive por meio do consumo –, abre um leque de oportunidades para pesquisa. (FARIA, FERREIRA e CARVALHO, 2010)

Através das pesquisas realizadas na cidade de Ponta Grossa, que foram uma pequena amostra de uma população significativa percebe-se que a cidade conta com possíveis praticantes de atividades de aventura, faltando locais para que esta atividade seja realizada. É preciso uma conscientização dos proprietários dos locais para adequação dos mesmos e pessoas qualificadas para o atendimento.

O governo, através de políticas públicas adequadas, vontade de realizar e treinamento de pessoal poderia envolver as empresas de turismo de aventura para que este público não fique sem um local onde possa realizar a atividade; visto o quão importante para estas pessoas, é ter lugares para poder sair da rotina em que vivem. Existe a motivação por parte dos cadeirantes, porém há falta de opções, tanto na cidade de Ponta Grossa, como na região dos Campos Gerais.

O que se espera com esse trabalho é também uma compreensão maior de que todas as pessoas devem ser tratadas sem preconceito, pois todos

fazem parte da mesma sociedade ou de um grupo onde as diferenças pessoais não devem ser estigmatizadas e essas pessoas devem ser tratadas de forma normal. O importante para qualquer pessoa seja esta qual for, é ter um tempo livre onde possa usufruir momentos de lazer, que certamente trarão mais benefícios e mais bem estar para elas. Todos os cidadãos têm direito ao lazer, a se divertir e a compartilhar momentos de vivência, uns junto com os outros, deixando de lado a diferença e o preconceito.

Observa-se que a legislação existe, porém na prática poucas cidades apresentam opções de turismo acessível. O exemplo da cidade de Socorro mostra que com o planejamento e envolvimento de instituições públicas e privadas, é possível adaptar os equipamentos e preparar profissionais para tornar a atividade turística acessível às pessoas portadoras de necessidades especiais.

REFERENCIAS

ABETA (Associação Brasileira de Empresas de Turismo de Aventura), Disponível em <www.abeta.tur.br> Acessado em 10/09/2013.

ARAUJO, V. **Questões como a acessibilidade nas escolas e nos transportes também são um empecilho ao aprendizado da musica.** São Paulo, Rede Saci, 2003.

BENI, Mario Carlos. **Análise Estrutural do Turismo.** São Paulo, Senac, 2007.

BEVERVANÇO, Rosana Beraldi. **Direito da Pessoa portadora de Deficiência (Da exclusão à Igualdade).** Curitiba: Ministério Público do Estado do Paraná, 2001.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo de aventura: orientações básicas.** Brasília, 2008.

BRASIL. Projeto de lei do Senador Paulo Paim. **Estatuto da pessoa com deficiência.** Brasília: Senado Federal, 2003.

CARAVALHO, J. L.; FARIAS, M.; FERREIRA, D. **O portador de deficiência como consumidor de serviços de lazer extradomésticos.** Disponível em <www.univali.br/revistaturismo> Acessado em 11 de Novembro de 2013.

COSTA, Vanderlei B.; GOLÇALVES JUNIOR, Luiz.; MUNSTER, M.A.V. **Convivendo com a inclusão social: praticas corporais lúdicas adaptadas e seus processos educativos.** São Paulo, SPQMH - DEFMH/UFSCar, 2007.

DEFICIENCIA FISICA. Disponível em: <<http://www.deficientesemacao.com/deficiencia-fisica>> Acessado em 10 de novembro de 2013

ECOVENTURE. disponível em <www.ecoventure.com.br> Acessado em 10 de Novembro de 2013.

FASTER. disponível em <www.crfaster.com.br/apres.htm> Acessado em 10 de Novembro de 2013.

EQUILIBRIO NATURAL. disponível em <equilibrionaturaljanu.blogspot.com>
Acessado em 10 de Novembro de 2013.

FADERS. disponível em <www.faders.rs.gov.br> Acessado em 11 de
Novembro de 2013.

LOJA ACAMPAR. disponível em <www.lojaacampar.com.br> Acessado em 10
de novembro de 2013.

MARTINEZ, A. **Prevenção de acidentes.** Disponível em
<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAvQoAD/prevencao-acidentes-prof-alexandre-martinez> acessado em 06 de Novembro de 2013.

MOREIRA, D. **Turismo de Aventura Especial:** como atender a pessoa com
deficiência. 1ª Ed. São Paulo. 2010

NAÇÕES UNIDAS. **Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes.**
Organização das Nações Unidas – ONU, 1975.

OSZLAK, O; O'DONNELL, G. **Estado y políticas estatales en América
Latina:** hacia una estrategia de investigación. Buenos Aires: Clacso, 1976.

PLANETA VERTICAL, disponível em <www.planetavertical.com.br> Acessado
em 11 de Novembro de 2013.

SASSAKI, R. **Inclusão no lazer e turismo:** em busca da qualidade de vida.
São Paulo, Áurea, 2003.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Um guia para educadores.** Porto Alegre:
Editora Artes Médicas Sul Ltda. (Trabalho original publicado em 1986), trad.
Magda França Lopes, 1999.

SWARBROKE, J. et al. **Turismo de Aventura: conceitos e estudos de caso.**
Rio de Janeiro, Elsevier, 2003

TURISMO ADAPTADO, disponível em <turismoadaptado.wordpress.com>
Acessado em 5 de Novembro de 2013.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Turismo de Aventura:** reflexões e tendências. São
Paulo, Aleph, 2005

APÊNDICE

Apêndice 1 – Pesquisa aplicada para portadores de deficiência em Socorro - SP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE TURISMO

DelandirAntonioTauferFochi

Pesquisa para cadeirantes de Socorro - SP

1. Idade:

2. Sexo: M () F ()

3. O que levou a buscar a atividade de aventura ?

4. O que achou da infraestrutura apresentada pelo parque?

Muito Boa () Boa () Ruim ()

5. As necessidades de acessibilidade foram todas satisfeitas?

() Sim () Não

Se não o que poderia melhorar?.....

6. Como ficou sabendo da existência do parque?

() Amigos () jornal () internet () Outro

7. O que achou dos equipamentos de segurança?

() Muito Bom () Bom () Ruim

8. Em relação aos profissionais, estes estavam preparados para atendê-lo?

() Sim

() Não Porque?

9. Atividade preferida?

Apêndice 2 - Pesquisa aplicada para portadores de deficiência em Ponta Grossa - PR

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE TURISMO

Delandir Antonio Taufer Fochi

Pesquisa para cadeirantes de Ponta Grossa- PR

1. Idade:
2. Sexo: M () F ()
3. Praticaria Turismo de Aventura?
() Sim () Não
4. Já praticou Turismo de Aventura?
Sim () Não ()
Se sim responder as questões abaixo.
5. Qual atividade praticada?
6. Como ficou sabendo da atividade/lugar?
() Amigos () jornal () internet () Outro
7. O que achou dos equipamentos de segurança?
() Muito Bom () Bom () Ruim
8. Em relação aos profissionais, estes estavam preparados para atendê-lo?
() Sim
() Não Por quê?
9. No geral, na atividade turística o que poderia ser melhorado para inclusão?
10. Atividade preferida